



**DA ESCRITA DOS ESCRIVÃES OFICIAIS DO SÉCULO XVIII  
AOS TEXTOS ACADÊMICOS ATUAIS**

**FROM THE WRITING OF THE OFFICIAL SCRIVENERS OF THE EIGHTEENTH  
CENTURY TO THE MODERN-DAY ACCADEMIC TEXTS**

Expedito Eloisio Ximenes<sup>1</sup>

**RESUMO**

Aborda-se, neste texto, como principal objetivo, o surgimento e o desenvolvimento da escrita como uma técnica importante que possibilita o ser humano realizar várias atividades. Mesmo de forma sucinta, este artigo apresenta um panorama histórico da prática de registro de textos desde os rabiscos mnemônicos à invenção do alfabeto e à produção de textos em larga escala, nas sociedades antiga e moderna como forma de controle na administração do Estado. Para fundamentação teórica, o trabalho recorre à autores como Fischer (2009), Higounet (2003), Acioli (1994), dentre outros, que abordam sobre o tema da escrita. Analisa-se dois textos do século XVIII e quatro do século XXI, comparando os processos de escrita e o domínio da técnica por parte de escrivães do período colonial brasileiro e de estudantes universitários cearenses na atualidade. As análises revelam que, nas duas sincronias, há semelhanças, tanto no uso do espaço (papel), quanto no traçado das letras e nos usos da língua. Pode-se inferir que escrever é um processo e que a aquisição dessa competência requer esforço e muita prática. Salientamos, ainda, que o grau de dificuldade de registro dos estudantes, hoje, pode ser entendido como um fenômeno histórico que requer a compreensão da parte dos avaliadores dos textos.

**Palavras-chave:** História da escrita. Modelos de escrita. Aspectos da escrita. Textos setecentistas. Textos modernos.

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Filologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), mestre e doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Pós-doutorado em Filologia de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). É filiado ao GT de Crítica Textual da ANPOLL. Em 2015 foi agraciado com a Medalha Serafim da Silva Neto pelo destaque dos estudos em Filologia no Brasil. É professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, atuando no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada-PosLA e no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras-MIHL da mesma universidade. E-mail: expedito.ximenes@uece.br.

## ABSTRACT

We approach in this text, as the main objective, the writing emergence and development as an important technique that enables the human being to accomplish many activities. We present, even concisely, a historical overview of the practice of texts register from the mnemonic scribbles to the alphabet invention, and to the texts production in large scale in ancient and modern societies as a way of control in the State administration. As theoretical fundamentals we bring up authors such as Fischer (2009), Higounet (2003), Acioli (1994), among others who approach the writing subject. We present and analyze two texts from the eighteenth century and four texts from the twenty-first century to compare the writing processes and the domain of the technique for the scribes during the Brazilian colonial period, and for the *cearenses* (from Ceará State) university students nowadays. We could notice that there are similarities in both synchronies, both in the use of the space (paper) and in the letters tracing, and in the language usages. We could infer that writing is a process, and that the acquisition of this competence demands effort and much practice. We emphasize that the students writing difficulty degree, nowadays, can be understood as a historical phenomenon that requires comprehension from the evaluators of the texts.

**Keywords:** Writing history. Writing models. Writing aspects. Eighteenth-century texts. Modern texts.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A prática de escrever é uma técnica muito antiga que permanece em todas as sociedades como instrumento que exerce fins diversos. É uma prática de poder que o ser humano desempenha sobre os da mesma espécie. A escrita é também uma forma de preservação da memória histórica e cultural de gerações, prática essa que influencia na vida cotidiana do ser humano em suas ações rotineiras, dentre muitas outras funções.

Neste trabalho, abordamos um pouco do desenvolvimento e da história da escrita na sociedade ocidental e algumas hipóteses do surgimento da escrita e sua importância na administração das nações. Analisamos também dois textos produzidos no século XVIII, no Ceará, e quatro textos escritos por alunos universitários no século XXI. O objetivo foi comparar os processos de produção textual dos escreventes nas duas sincronias.

Os textos, tanto do século XVIII, quanto do XXI, são em manuscritos. Os dois primeiros, produzidos por escrivães dos órgãos da administração pública no período colonial brasileiro. Os quatro, produzidos por alunos de graduação do curso de Letras de uma universidade do Ceará.

O texto 1, do século XVIII, é um *termo de ajuntada* escrito pelo escrivão da Fazenda Real Domingos Francisco Braga, no dia 27 de janeiro de 1746. O texto 2 é um fragmento de registro da comarca de Baturité, antiga vila de Monte Mor, o Novo da América, elaborado por Cosme Pais Macedo de Carvalho, escrivão da câmara.

Utilizamos a fotografia digital do manuscrito, seguida de dois modelos de edição: a edição semidiplomática e a modernizada. Analisamos aspectos referentes à escrita e aos usos da língua.

Dos quatro textos do século XXI apresentamos apenas as fotografias das formas originais em manuscrito, produzidas pelos alunos. Analisamos os mesmos aspectos referentes à escrita, o espaço do suporte e os usos da língua.

Objetivamos detectar semelhanças no que diz respeito ao domínio do espaço do suporte, do traçado ou *ductus* das letras, que gera dificuldade de compreensão do texto, das formas de grafar, do emprego de sinais diacríticos, problemas de pontuação, entre outros.

Podemos observar, nos textos dos dois períodos, que há semelhanças no formato das letras, nas formas gráficas, nos usos de elementos da língua e no domínio do espaço do papel, o que nos leva a pensar sobre a aquisição da escrita, como uma tarefa processual, que gera dificuldades para os escreventes.

Nas próximas seções, tratamos do desenvolvimento da escrita como forma de poder, apresentamos e analisamos os textos selecionados para nosso estudo e apresentamos algumas considerações.

## 2 A ESCRITA COMO FORMA DE PODER DA HUMANIDADE

A escrita é um instrumento desenvolvido pelo ser humano para várias finalidades. Pode ser considerada uma grande tecnologia que impactou a vida da sociedade em todas as dimensões e em todas as épocas, desde o princípio do seu surgimento aos dias atuais.

A escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento (HIGOUNET, 2003, p. 9-10).

A escrita surge porque o homem viu-se obrigado a transmitir suas ideias a seus semelhantes. A princípio, os primeiros ancestrais do *homo sapiens* teriam transmitido seus pensamentos por meio de vários recursos como o grito, o grunhido, o ronco. Em breve, esses sons se transformariam em palavras articuladas. As palavras faladas comunicavam as ideias apenas aos presentes, aos semelhantes que se encontravam nas proximidades no instante da emissão da voz. Como comunicar as ideias aos distantes e em outros momentos? Como a informação poderia resistir ao tempo?

Diante das condições que a natureza oferecia, teve o homem a ideia de fixar a informação em algum suporte. Assim, o pensamento seria transmitido a outros e duraria no tempo a comunicação.

Quando um animal ou o próprio homem passava por um terreno mole, argila ou areia, por exemplo, deixava impresso no chão seu pé. O barro secava pela ação do calor e a pegada ali registrada permanecia por mais tempo, símbolo mudo, mas comunicava a passagem de alguém pelo local (MENDES, 1953). Essa teria sido a ideia que iluminou o homem a registrar na argila? Muito provavelmente, sim. A pegada ali, podemos dizer, é uma informação, é um texto que possibilita uma comunicação, e a argila, o suporte que serviu para uso da escrita.

A imagem que segue demonstra os rastros na areia, sinais humanos que funcionam como uma comunicação, gerando a interação entre as pessoas.

**Imagem 1** – Rastros na areia.



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A imagem pode ser considerada um texto, pois comunica aos da mesma espécie os vestígios de outras pessoas no local. Assim, ainda hoje, os rastros no chão são uma comunicação de que algum ser vivo passou pelo local. Os rastros têm guiado, sobretudo, os camponeses quando observam os movimentos dos animais no campo. É um tipo de texto disposto à leitura e ao entendimento dos leitores.

Aquela pegada impressa no barro endurecido e que subsistia por muito tempo deu ao homem a ideia inicial de como deixar gravadas suas ideias. Seus primeiros desenhos, rústicos ainda, imperfeitos, foram traçados no barro, matéria fácil de ser encontrada, riscável até com o dedo. Só mais tarde, aos poucos, é que o homem primitivo passou a desenhar sobre materiais mais duros, mais resistentes ao tempo, como a madeira, os ossos, a pedra (MENDES, 1953, p. 17).

Como teria surgido a escrita? Muitos têm pesquisado, muito tem se dito sobre isso e diversas hipóteses têm sido levantadas. Lógico que houve alguma razão para seu surgimento, como afirma Fischer (2009, p. 14): “A escrita não surgiu do nada. Muitos povos preferem atribuí-la à ‘divina providência’. De fato, essa ficção sobreviveu na Europa até os anos de 1800 e é ainda aceita por certas comunidades nos Estados Unidos e nos países islâmicos” (aspas do autor).

Há várias teorias acerca do surgimento da escrita, como a hipótese religiosa, a política, a literária, por exemplo, mas a hipótese mais aceita é a de que ela tenha surgido da necessidade administrativa, pois possibilitou o registro de todas as ações humanas, além de garantir o controle das instituições e assegurar o poder dos administradores.

A escrita teria nascido para resolver problemas burocráticos das sociedades, anotar registros precisos e extensos de produções agrícolas, registros comerciais (débito/crédito), a fim de ajudar a memória, além do que podiam ser consultados por várias pessoas durante muito tempo. A confecção dos registros e a sua custódia estava a cargo da classe sacerdotal que, no princípio, acumulava as funções administrativa e religiosa (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 43).

Conforme a citação acima, a escrita, na atualidade, mantém o grande benefício à burocracia das sociedades, para o registro e o controle de todas as ações administrativas. Saber escrever foi e continua sendo uma forma de exercer o poder e o controle das coisas e das pessoas; mas a escrita vai mais além da burocracia, amplia sua atuação a outros setores e pessoas, pois instrumentaliza o ser humano para diversos fins, favorecendo os que dominam a técnica de escrever, dando-lhe o empoderamento, a liberdade de publicizar suas ideias e marcar presença no mundo.

As fases iniciais da escrita representam formas primitivas de registros como: a mnemônica (vários tipos); a pictográfica; a ideográfica e, por fim, o desenvolvimento da escrita fonética.

Da representação das palavras, o homem passou à dos sons que, sendo em número bem menor, representou um material gráfico mais restrito a ser assimilado. Portanto, na escrita fonética o homem substituiu o desenho por um sinal convencional correspondente aos sons (ACIOLI, 2003, p. 19).

As primeiras manifestações dos homens, como dito antes, eram por gestos, depois gemidos, gritos, por fim, as palavras articuladas. Nesse processo, várias formas mnemônicas de transmissão de comunicação foram inventadas, como: nós, entalhes, sinais, desenhos, enfim, o alfabeto.

No mundo ocidental, os gregos tiveram como base o alfabeto fenício e desenvolveram o alfabeto grego. Vários outros alfabetos surgiram no ocidente. Os romanos desenvolveram o alfabeto latino, único a se impor dos muitos que havia no mundo romano. Herdamos esse alfabeto utilizado até hoje. Todas as sociedades modernas se vangloriam de dominar a escrita que se impõe sobre a oralidade.

No mundo greco-romano, surgiram vários tipos de escrita, caracterizando, assim, a fase dos manuscritos. Os romanos desenvolveram os seguintes tipos: *Escrita Capital* e suas ramificações: *capital quadrada ou lapidária*, *capital redonda*, *capital rústica*; *Escrita Uncial*; *Escrita semi-uncial*; *Escrita cursiva*, que foi a escrita corrente, em que as letras começam a se ligar umas com as outras, pelo desejo do *scriptor* de escrever rápido ou pela preguiça de levantar a mão do suporte.

Posteriormente surgiram outros modelos. Com a queda do Império Romano, foram desenvolvidas as *Escritas Nacionais*, como: a *Merovíngia* na França (Gália); a *Visigótica*, na Espanha e em Portugal; a *Lombárdica*, na Itália; a *Beneventana*, no sul da Itália; a *Anglo-saxã* ou insular, na Inglaterra; a *Irlandesa* ou insular, na Irlanda; a *Carolíngia ou Maiúscula Carolina*, na França; a *Gótica*, que é uma variação da escrita carolíngia, surgida mais ou menos no século XII, e suas variações: *Gótica Cortesã*, *Gótica Processual*, *Gótica Encadeada*; a *Humanista*, que tem seu surgimento marcado pela reação dos intelectuais e artistas do Humanismo (séculos XV-XVI), que substituiu a Escrita Gótica, então em uso, por representar a cultura medieval.

Os modelos de escrita citados acima foram adotados em cada época histórica nas chancelarias monárquicas como modelo padrão e caracterizam um domínio cultural, político-administrativo e as formas de poder de uma sociedade letrada. A escrita, naquela fase, era de domínio das monarquias, das abadias e de outros órgãos de poder político, religioso, administrativo e cultural.

As ações da administração política, do desenvolvimento econômico, jurídico, cultural, filosófico e de todas as áreas do conhecimento foram registradas, utilizando-se sistemas de escrita e suportes diversos, desenvolvidos pelo ser humano.

Com a formação dos estados modernos, as chancelarias das monarquias independentes, os órgãos da administração leiga e eclesiástica, o surgimento das línguas modernas e das literaturas, os contratos, as doações de bens, os testamentos etc., tudo passou pelo registro escrito, fortalecendo a prática de escrever.

Assim, o texto escrito cada vez mais ganha força e poder sobre aquilo que é simplesmente falado. O manuscrito e seus copiadores ganham destaque, mas, com a evolução, surge a reprodução mecânica, muito mais potente diante de algumas mãos habilidosas, aptas a reproduzir os textos.

No século XV, houve a invenção da imprensa e foi adotado um modelo de letra com base na escrita latina. No mesmo período, com o Renascimento, desenvolveu-se um modelo de escrita mais simples, denominada de Humanística. Mesmo com o surgimento da imprensa, o manuscrito continuou a existir por muito tempo.

A escrita atua de forma privilegiada nas sociedades modernas, porque tudo deve ser registrado. Ela representa poder, representa saber e autoridade. Deve ser ensinada nas escolas, aprendida e usada como forma de saber e de domínio.

No entanto, nem sempre a escrita deteve o poder sobre a oralidade, por exemplo, a cultura na Grécia antiga era mais oral. A escrita apenas preservou a cultura oral. Não mais de dez por cento dos gregos da Era de Platão sabia ler e escrever. A escrita tinha um papel insignificante, pois prevalecia a oralidade, favorecendo a dialética, a argumentação, a retórica e o debate, sobretudo, na escola dos sofistas.

Atualmente, podemos perguntar sobre a importância da linguagem oral nos estudos acadêmicos: história oral, narrativas de vida, entrevistas realizadas em pesquisas de campo para os estudos em Dialetoologia e Sociolinguística, realizadas por historiadores e linguistas, por exemplo. Essa forma de linguagem tem seu valor e importância, embora a escrita na esfera político-administrativa ainda seja o recurso de maior prestígio e valoração em todas as práticas humanas para garantir direitos e comprovar fatos.

Na sociedade moderna, existem variados suportes da escrita. Os documentos já nascem em ambiente virtual; no entanto, não deixa o registro escrito de ser, ainda, a forma mais aceita de garantir durabilidade e dar fé aos atos. Há, de fato, na sociedade contemporânea, uma supremacia da escrita, mas não podemos menosprezar a linguagem oral, dando-lhe, também, importância e forma de representar um desenvolvimento cultural e pragmático.

Os suportes da escrita também passaram por grandes modificações ao longo do tempo. Do material duro, como mármore, pedra, madeira, argila, à matéria branda como papiro, pergaminho e papel, ocorreu uma grande explosão tecnológica, sobretudo com o advento do papel, criado pelo chinês Cai Lun, no século II, em 105.

Na Europa, as fábricas de papel vão surgir no século XVI e isso favorece uma produção escrita em alta escala. Na América Latina, só se tem notícias de textos escritos em papel ou outro material brando a partir de 1498/1500, com a chegada de espanhóis e portugueses. No entanto, os textos registrados nas cavernas e nas

pedras que compõem os sítios arqueológicos, remontam à era muito mais antiga. Isso quer dizer que já se fazia uso da escrita em suportes duros na América. Os sítios arqueológicos retratam a necessidade de registros que o ser humano sempre teve.

Como dito anteriormente, o alfabeto que usamos foi desenvolvido pelos fenícios. Para nós, predominou o latino, que marcou uma grande descoberta tecnológica. Graças à elaboração das letras do alfabeto, o domínio da escrita se propagou e as sociedades atuais gozam desse instrumento para realização de suas necessidades de escrever e de comunicar.

No mundo antigo, os grupos sociais orientais, como os sumérios, os egípcios, os babilônios, dentre outros, deixaram grandes legados que foram herdados pela sociedade ocidental.

Todos os historiadores e pesquisadores confirmam que o desenvolvimento da língua falada, soletrada e escrita, começou nos seguintes países e regiões: Síria, Egito, Mesopotâmia, Índia, Palestina, Líbano, Pérsia, Etiópia, Creta e Grécia, bem como em regiões da Anatólia e sul da Península Arábica (ZAIDAN, 2005, p. 21).

O Ocidente herdou da sociedade grega, que é considerada o centro da chamada civilização ocidental, os conhecimentos trazidos da civilização oriental em várias áreas que, ainda na atualidade, repercutem nos meios sociais e intelectuais. A sociedade romana assimilou e conservou uma vasta produção de conhecimentos filosóficos, linguísticos, jurídicos, literários, dentre outros. A Idade Média preservou o conhecimento e gerou outros que transmitiram a vários momentos da história humana. Naquela época, o poder eclesiástico assegurava o domínio da escrita, tudo passava pela pena dos bispos, abades, padres e monges, que garantiam os registros de posse das terras, dos testamentos, das doações, dos inventários, dos forais etc.

A partir da criação dos estados modernos, os recém-reinos e suas monarquias criaram as chancelarias e as máquinas burocráticas em que tudo era registrado e passava pelas mãos dos escrivães e tabeliães para darem fé pública. Tudo devia ser conferido e guardado para que nada passasse por ignorância.

A formação e a adoção das línguas denominadas vulgares ou línguas românicas passaram a ter o domínio da escrita, revogando a língua latina. Os textos se tornaram mais acessíveis a todos, embora a maioria da população fosse analfabeta.

Com os ciclos das navegações e a chegada dos europeus à América e a outras partes do Planeta e com a implantação dos governos das colônias recém-conquistadas, criaram-se os governos das capitânicas, das câmaras das vilas e de outros espaços, onde se instalou a grande burocracia, representada pelo texto escrito que estava em todas as decisões, já que tudo era registrado pelas mãos de escrivães.

No Brasil, os arquivos públicos, hoje, preservam essa produção textual que nos permite conhecer as relações sociais e políticas da época.

Para o registro da documentação, era necessária a ação competente dos tabeliães e escrivães. Muitos deles eram apadrinhados dos capitães-mores governadores de capitânicas ou do próprio monarca, para receber o cargo, sobretudo, de tabelião, que era vitalício. O tabelião era um cidadão que gozava de privilégios, apadrinhamentos e, acima de tudo, de vantagens financeiras, porque, além de serem os poucos a saberem escrever, eles poderiam repetir a escritura de um mesmo documento, para cobrar dobrado, poderiam calcular os gastos a seu favor, poderiam

modificar as medidas, por exemplo, de terrenos, para usufruir de benefícios ou se apoderarem das terras, conforme Coelho (2001).

O tabelião tinha à sua subordinação os escrivães, que eram seus funcionários, e os mantinha ao seu serviço. Coelho (2001) expressa-se, assim, sobre os tabeliães: “Domina, pois, terras, dinheiro e uma profissão especializada. Domina homens. Tem moços ou escrivães que o coadjuvam no ofício. Tem trabalhadores rurais que lhe amanham as terras. Tem cobradores que lhe arrecadam as rendas. Tem criados” (COELHO, 2001, p. 107).

Os tabeliães eram os poucos que sabiam ler em Portugal e, principalmente, no Brasil colônia. Em cada capitania do Brasil, sustentavam o poder pelo domínio da escrita. Aqui, trazemos a ideia de que a língua escrita, sobretudo na administração, ostenta a autoridade de impor, de ordenar, de manter a ordem etc. Os tabeliães e escrivães são os agentes de poder por dominar a técnica da escrita.

Porque sabem ler e escrever, numa época de analfabetismos, autorizam com o seu testemunho múltiplos documentos, para além dos que elaboram, chamados pelas partes. A sua presença seria penhor de dupla segurança – não seriam os contraentes enganados pelo tabelião que escrevia o acto; a autoridade e prestígio de um tabelião conferia ao acto redobrada firmeza (COELHO, 2001, p. 109).

Vemos que os tabeliães e os escrivães são peças fundamentais para a manutenção da supremacia dos atos jurídicos e das determinações das autoridades governamentais. No Ceará, como nas demais capitanias do Brasil colonial, os tabeliães e escrivães estavam em todos os compartimentos do setor público para anotar, copiar, trasladar, enviar documentos aos seus destinatários e, também, arquivar os traslados nos livros das secretarias. Apesar de serem os poucos que sabiam ler e escrever, esses funcionários públicos, vários deles, não tinham muito domínio da escrita, o que leva à produção de textos com muitas dificuldades de leitura, por vários motivos que detalharemos posteriormente.

### **3 A ESCRITA DOS ESCRIVÃES DO SÉCULO XVIII E DOS ACADÊMICOS DO SÉCULO XXI**

Após essa pequena digressão na história da escrita, vamos discutir os graus de dificuldades de registro, tanto nos textos dos tabeliães e escrivães, como também nos textos atuais, produzidos por acadêmicos em nossas universidades, com a intenção de avaliar se há os mesmos problemas de escrita.

Não fizemos um estudo aprofundado da história da escrita; apenas pontuamos como ela se constituiu no passado e se constitui, pragmaticamente, no presente, como registro para oficialização dos acordos entre as pessoas, fixação dos conhecimentos, divulgação de ideias e de pensamentos, avaliação de desempenho, expressão da arte, para difusão do conhecimento, dentre muitos outros fins.

Para análise dos graus de dificuldades da escrita, tomamos como ponto de partida o século XVIII que, no Brasil, é o auge do período da administração colonial em que a produção escrita era muito intensa, tudo era registrado pelas mãos dos tabeliães e dos escrivães que, muitas vezes, não tinham a habilidade suficiente para redigir um texto bem elaborado. Os textos são marcados por variações gráficas ou por letras mal traçadas, que geram muitas dificuldades de leitura e de compreensão,

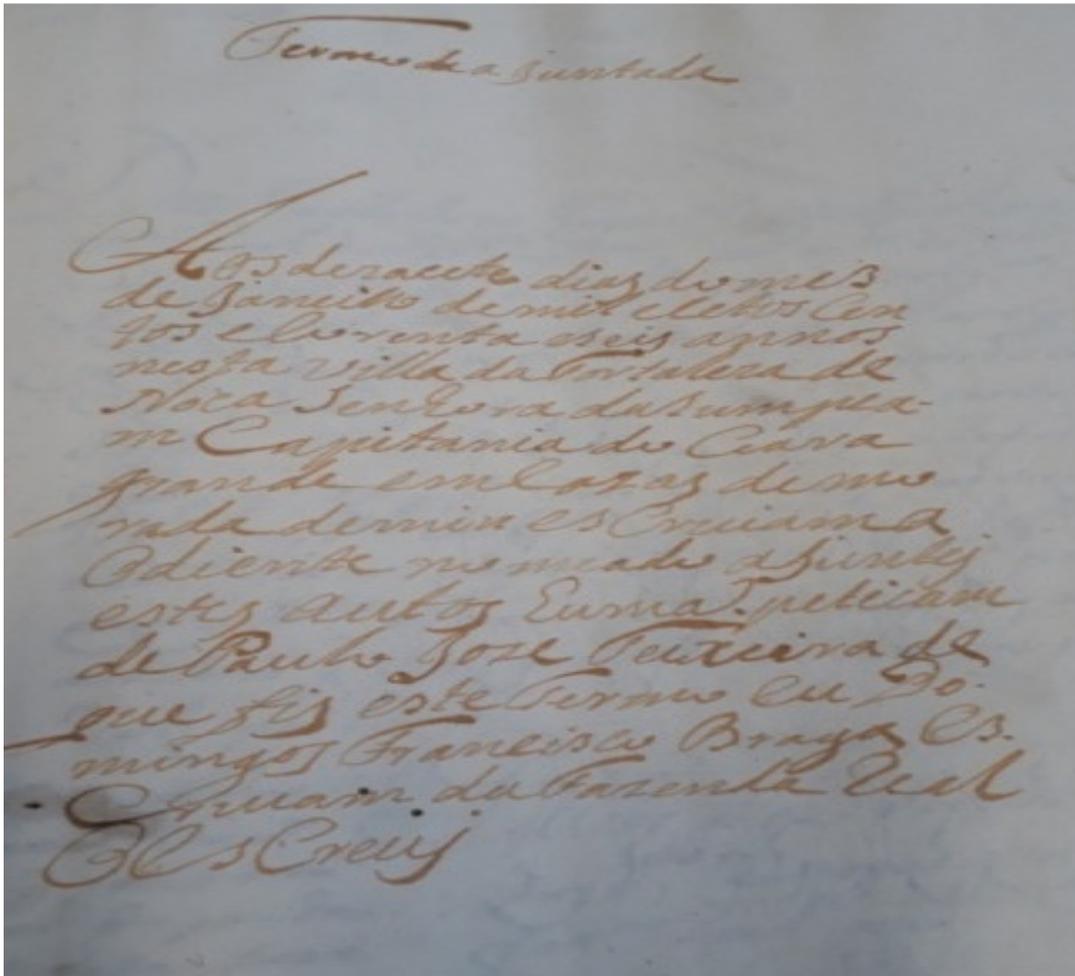
podendo causar más interpretações. Quanto aos usos da língua, além de muitos escrivães apresentarem pouco domínio, não havia normas estabelecidas, apesar de já haver uma gramática desde o século XVI. A grafia ainda era muito individual, pois o sistema ortográfico variava da escrita fonética à pseudoetimológica; os sinais de pontuação e de acentuação gráfica não eram quase usados; a sintaxe é marcada por períodos longos e a ordem dos elementos na frase geralmente era invertida em relação ao modelo atual; poucos eram os elementos de referenciação, fazendo uso de forma repetida, por exemplo, as formas o dito/a dita eram as mais usuais para se fazer referência anafórica.

Quando observamos a organização do texto, percebemos a má distribuição das linhas no espaço escrito: muitas vezes, as margens não são obedecidas ou a mancha de texto pode ser muito pequena e as margens muito amplas, ficando espaços em branco na folha de papel; quase não há paragrafação; a translineação apresenta problemas; os períodos são muito longos; há mau aproveitamento do suporte etc.

Analisar os documentos produzidos no período aqui delimitado é uma tarefa árdua, que nos leva a um entendimento dos processos de mudança da língua. Devemos considerar o período da escrita e o grau de instrução dos escreventes para não fazemos uma análise anacrônica.

No manuscrito 1, a seguir, observamos uma mão pouco hábil, sobressaem vários elementos a se chamar a atenção.

#### Texto 1 – Século XVIII.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará-(APEC).

Quadro 1 - Edições do manuscrito anterior.

Edição semidiplomática	Edição modernizada
<p style="text-align: center;">Termo de ajuntada</p> <p>Aos dezacete dias do mes de janeiro demil e cete Centos eCorenta eseis annos nesta Villa da Fortaleza de Noca senhora dasumpca m Capitania do Ceara grande emCazas demo rada demim escrivama o diente nomeado ajuntej estes autos huma peticam dePaulo Joze Teixeira de que fiz este Termo eu Domingos Francisco Braga es Criuam da Fazenda real o escrevj</p>	<p style="text-align: center;">Termo de ajuntada</p> <p>Aos dezessete do mês de janeiro de mil setecentos e quarenta e seis anos nesta vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção Capitania do Ceará grande em casas de morada de mim escrivão ao diante nomeado ajuntei estes autos uma petição de Paulo José Teixeira de que fiz este termo eu Domingos Francisco Braga escrivão da Fazenda real o escrevi</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

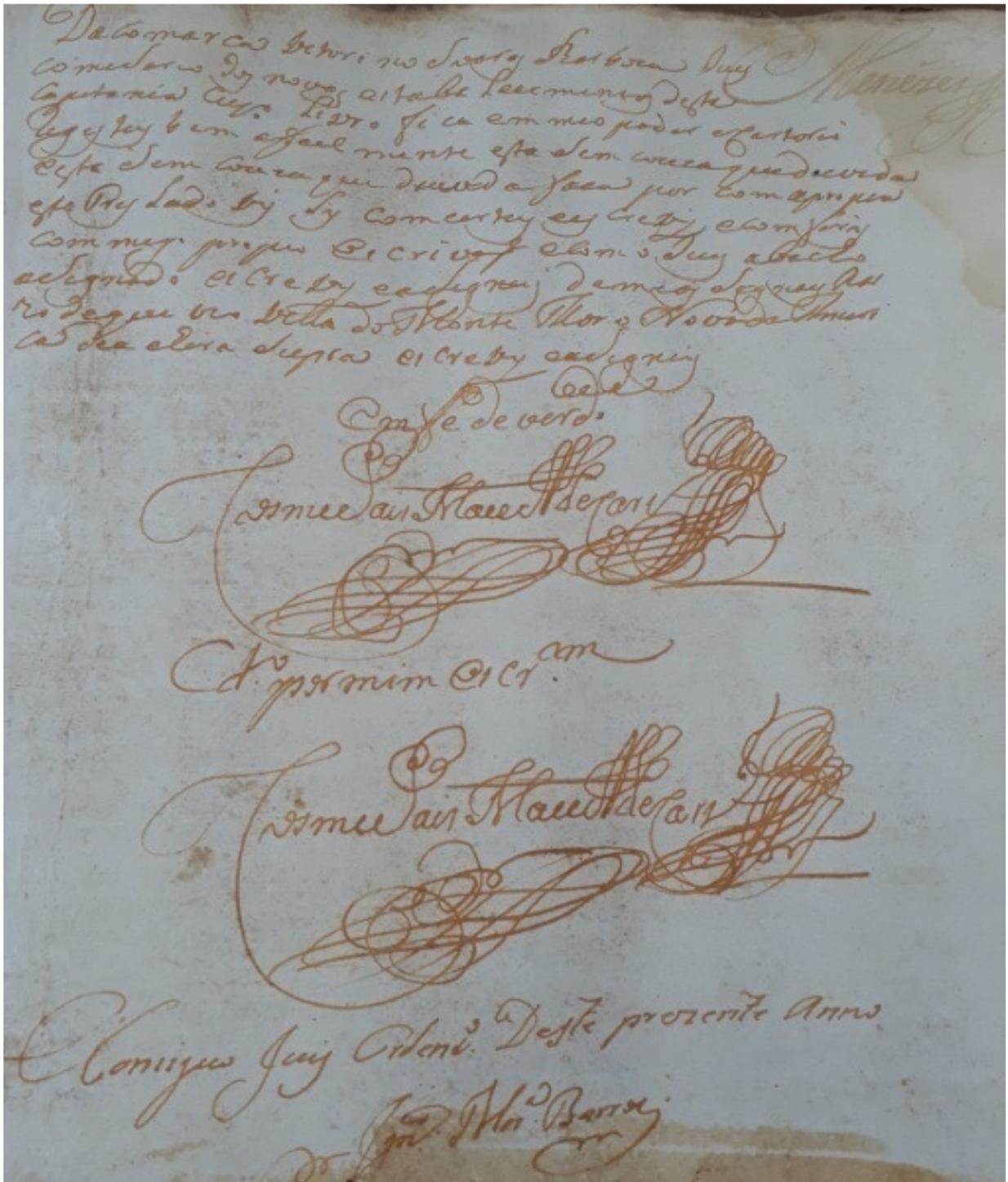
O documento foi escrito no século XVIII, apesar de não apresentar data no fólio em análise. O escrivão é Domingos Francisco Braga, que atua como escrivão da fazenda, no Ceará.

Vejam os espaços do papel: a margem direita é bastante larga e irregular. Há dois casos de translineação em que sobra espaço, mas o escrivão prefere mudar de linha e deixar uma consoante isolada na linha seguinte, no caso de *Assumpçam*, em que a letra *m* é isolada do resto da palavra. Na linha seguinte; em *ao diente*, a preposição *a* fica separada do artigo *o* para formar *ao*, além do alteamento da vogal *a* [*ao diante*]. Vemos registros da escrita fonética, provavelmente como eram pronunciadas as palavras *dezasete*, *corenta*, *cazas*, *diente*, *Jozé* etc.; usos de *pç*, *nn*, *h*, *am* nas palavras *Assumpçam*, *annos*, *huma*, *peticam*, *escrivam* que caracteriza a escrita pseudoetimológica; escrita emendada ou conexões em *demil*, *eseis*, *daAssumpçam*; *emcaza*, *demorada*, *dePaulo*; o uso *j* por *i* em *escrevj*, *ajuntej*; uso de *maiúsculas* por *minúsculas*, em *Cento*, *Corenta*; falta de acentuação gráfica, dificuldade em grafar a palavra *Nossa* por *Noca*. Isso pode demonstrar pouco conhecimento da língua.

Os elementos destacados são muito comuns nos textos dos séculos XVIII e XIX, pela própria característica da escrita da época, mas também pelo descuido e pouca habilidade dos escreventes.

No manuscrito 2, também percebemos casos que chamam a atenção.

Texto 2 – Século XVIII.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

Quadro 2 - Edições do manuscrito anterior.

Edição semidiplomática	Edição modernizada
<p style="text-align: right;"><b>[Menezes]</b></p> <p>Da comarca Vitorino Soares Barbosa luis comiSario dos novos estabelecimentos desta capitania cujo livro fica em meo poder eCartorio rezistey bem efielmente esta Sem couza queduvida esta Sem couza que duvida faca por com apropia este Treslado vy ly concertey eescrevy ecomfery com migo propio escrivão e com o luis abacho aSignado escrevy eaSigney demeos Signais ra zo de que uso Villa doMonte Mor o Novo daAmeri ca dia ehera Supra escrevy eaSiney</p> <p>Em fe deVerdade Cosme Pais Macedo deCarvalho Conferido por mim escrivam Cosme Pais Maciel deCarvalho EComigo Juis Ordinario Deste presente anno Ignacio Moreira Barros</p>	<p style="text-align: right;"><b>[Menezes]</b></p> <p>Da comarca Vitorino Soares Barbosa juiz comissário dos novos estabelecimentos desta capitania cujo livro fica em meu poder e cartório registrei bem e fielmente esta sem coisa que dúvida esta sem coisa que dúvida faça por com a própria este Treslado vi li consertei e escrevi e conferi comigo próprio escrivão e com o juiz abaixo assinado escrevi e assinei de meus sinais ra zo de que uso Villa do Monte Mor o Novo da Améri ca dia e era Supra escrevi e assinei</p> <p>Em fé de Verdade Cosme Paes Macedo de Carvalho Conferido por mim escrivão Cosme Paes Maciel de Carvalho E comigo Juiz Ordinário Deste presente ano Ignacio Moreira Barros</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O texto foi escrito pelo escrivão da câmara da vila de Monte Mor o Novo da América (atual cidade de Baturité), Cosme Paes Macedo de Carvalho. A data não aparece no fôlio, mas é também do século XVIII. Observando a letra, percebemos que é muito esparramada no papel e caída para a direita, apresenta muitas conexões, ou seja, junção das palavras; o traçado mal elaborado dificulta decifrar as letras e as palavras; o espaço do texto é bem aproveitado, mas a margem direita é muito estreita, as assinaturas tomam boa parte do fôlio; vemos problemas de grafia, como a falta de acentos gráficos, pontuação, uso do latinismo *era supra* e formas gráficas que caracterizam a primeira fase da língua portuguesa, como: *y* por *i*, em *escrevy*, *asigney*; *s* longo simples por *ss* duplo ou geminado, em *aSigney*; formas fonéticas como *z* por *s* em *couza*; segmentação em *com migo*; dentre outros fenômenos. Observamos uma forma retórica nesse e em muitos outros documentos que expõe a autoridade do escrivão ou Tabelião: *cujo livro fica em meu poder e cartório*, isso demonstra a autoridade que o escrivão detém sobre a escrita e os documentos.

Muitos outros elementos podem ser analisados, tanto do ponto de vista da autoridade que a escrita desempenha, quanto ao grau de dificuldade de registros da língua.

Passamos a avaliar textos atuais produzidos no meio acadêmico. A academia/universidade é uma das instituições em que mais se incentiva a escrever e onde se espera que os textos sejam bem elaborados. As salas de aula das universidades são laboratórios de aprendizagem do texto escrito e o ambiente de garantia onde se adquire o poder de exercer a escrita formal ou padrão. Produzem-se muitos textos acadêmicos, não só em sala de aula, mas, sobretudo, no setor administrativo. Todos os dias são produzidos vários gêneros textuais, como minutas, resoluções, portarias, ofícios, relatórios, atas de reuniões, convites, *e-mails* e muitos outros; no setor acadêmico, produzem-se resumos de textos, resumos para eventos, resenhas de livros ou de capítulos, artigos científicos, monografias, dissertações, teses, relatórios de bolsas, respondem-se a enquetes, preenchem-se formulários, respondem-se questões de provas, escrevem-se parágrafos dando a opinião sobre determinado tema, escrevem-se justificativas, solicitações etc.

Tomamos aqui alguns textos acadêmicos produzidos por estudantes de graduação na atualidade, acerca de uma questão de prova em que foi dado um texto científico que discute o uso das tecnologias, cujo título é **Quais os riscos do uso excessivo de celulares para os adolescentes?** Foi escrito pela médica pediatra Andrea Hercowitz, e está disponível no *site* <https://www.minhavidacom.br/familia/materias/3235-qualis-os-riscos-do-uso-excessivo-de-celulares-para-os-adolescentes>. Foi proposta aos alunos a seguinte questão: **Escreva um parágrafo, dando sua opinião a respeito do tema do texto.** O objetivo era avaliar o domínio da escrita e, também, ouvir a opinião acerca do assunto que é muito contemporâneo e polêmico, para saber o pensamento dos jovens e futuros professores.

### Texto 3 – Século XXI.

NO período em que vivemos hoje, os celulares ou qualquer aparelho eletrônico móvel é uma febre, todo mundo tem um, hoje, principalmente os adolescentes que são os alvos destes aparelhos; e o pior é que eles não sabem os riscos que estão submetidos a sofrer; são problemas de todo tipo, seja psicológico ou físico; então é muito importante ter textos como esses para orientar esses adolescentes a manerarem mais no uso do celular e de qualquer objeto móvel para evitar problemas maiores ao longo da vida.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O texto 3, destaca a importância de discutir o assunto e apresenta uma opinião, embora sem muito aprofundamento. Quanto ao uso da língua, ignora quase todos os sinais gráficos, não faz bom uso da pontuação, usa maiúsculas por minúsculas, encontramos palavras mal grafadas, o que gera dificuldade de leitura; há espaços largos entre as linhas, embora as margens sejam obedecidas.

#### Texto 4 – Século XXI.

04-) É irrefutável que as tecnologias po-  
dem ser um auxílio, tanto na vida profes-  
sional como pessoal, tendo em vista a variedade  
de informações, pesquisas disponíveis e ferrame-  
ntos multitarefa. Mas, o cuidado no uso  
e ~~no~~ como podem ser positivos em todos os sentidos,  
para sobermos da liquidez das redes sociais,  
e das consequências que podem influenciar  
nosso dia a dia. Dessa forma, a reflexão  
é muito válida, levando em consideração o  
contexto e os tempos que estamos vivendo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

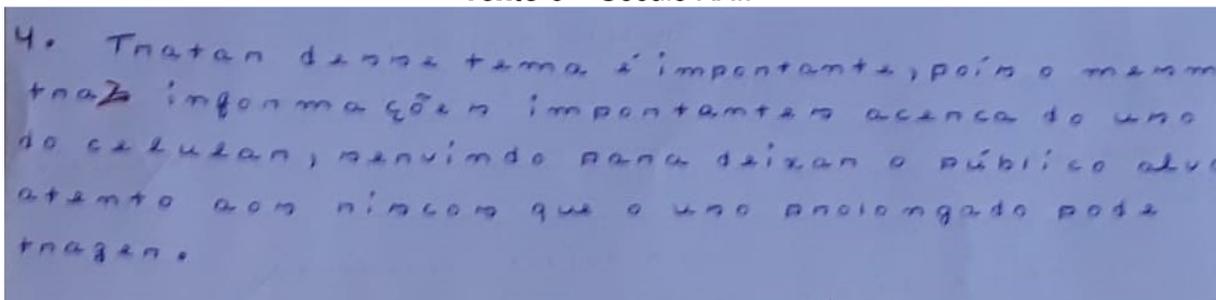
O texto 4 apresenta uma reflexão mais aprofundada sobre a temática; quanto à escrita, usa uma letra graúda, mas com problemas do traçado (*ductus*), gerando dificuldades de leitura de algumas palavras; há um problema de translineação na palavra *profissional*, o que nos remete ao texto 1 do século XVIII. Apresenta também casos de falta de acentuação gráfica e de pontuação. Quanto ao espaço, é todo preenchido e não há margens.

#### Texto 5 – Século XXI.

4ª Questão. Opinião a respeito do Tema do texto.  
É indubitável que em pleno século XXI, em meio à modernidade e às grandes inovações  
tecnológicas, cada vez mais avançadas por sua vez, ficamos distantes destas inovações,  
principalmente dos smartphones, cada vez mais cedo temos acesso a ele, como consequência  
a perda de uma infância saudável, substituída por jogos e programas virtuais. Porém  
conforme traz o texto, é preciso a monitoração dos pais dessas crianças para impor limites  
a isso, é fundamental que saibam dos malefícios trazidos pela tecnologia. Entretanto há  
uma ~~construção~~ construção dentro da sociedade que preza que é necessário todos os indivíduos  
sejam eles (as) crianças ou adultos possuam celulares. Caso contrário não de certa  
forma fulgidos desatualizados pela sociedade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O texto 5 apresenta uma argumentação mais ampliada sobre o tema; traz problemas de falta de pontuação, casos de acentuação gráfica e formas verbais. O espaço do papel é bem preenchido, sem deixar margens. Quanto à escrita, a letra é inclinada para a esquerda, pequena, porém legível.

**Texto 6 – Século XXI.**

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

O texto 6 emite uma opinião muito direta em poucas linhas, sem argumentos mais profundos. Não retoma o tema, nem contextualiza a questão. Distribui o texto de forma regular no papel, mas não estabelece as margens. Não apresenta problemas de pontuação e acentuação gráfica, não há problemas de ortografia. No entanto, o traçado ou *ductus* das letras gera dificuldades de leitura. Chama-se a atenção para uma escrita não cursiva em que não há ligadura de nenhuma letra com a outra.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos a intenção de refletir sobre os usos da escrita e a função que essa tecnologia desempenhou e desempenha nas sociedades. A escrita tem um poder que se manifesta de várias formas. Tivemos intenção, também, de comparar textos produzidos no século XVIII pelos escrivães da administração pública colonial do Brasil com os textos escritos por universitários no século XXI, para encontrarmos graus de semelhanças no que diz respeito ao traçado das letras, às formas gráficas, aos usos da língua quanto ao padrão ou não.

Pelo exposto, podemos perceber que há problemas em comum na prática de escrever os textos do século XVIII, produzidos pelos escrivães oficiais da administração pública colonial e os textos de alunos universitários, do século XXI.

Podemos destacar a organização do espaço da mancha de texto, em ambos, não há uma organização regular adequada, as margens não são respeitadas e as linhas também são irregulares. Quanto ao formato ou *ductus* da letra, podemos encontrar em ambas as sincronias o registro de palavras que geram dificuldade de leitura, pela irregularidade do traçado, pela inclinação da letra no espaço do suporte, pelas ligaduras ou conexões, pelo ritmo da cursividade que também é semelhante. Quanto aos aspectos da língua, há falta das normas em relação ao emprego de acentos, de pontuação e problemas de translineação; quanto ao aproveitamento do espaço há também semelhanças entre os dois períodos, dentre outros elementos.

Não queremos julgar, muito menos condenar, os sujeitos escreventes nas duas sincronias analisadas, mas, apenas, trazer uma reflexão sobre o processo de escrita que é uma atividade complexa que merece ser analisada com cuidado e todas as ocorrências podem ser entendidas como algo do processo de aprendizagem.

Apesar de a escrita ser uma técnica e ter trazido uma grande evolução para a humanidade e gozar de prestígios imensos, tanto no passado como ainda hoje, o ato de escrever não é fácil, o que demanda conhecimentos linguísticos e conhecimentos do assunto sobre o que se escreve. Apesar de os cursos de Letras investirem na formação dos alunos para a prática da escrita, ainda há muitas dificuldades no

momento da produção. Na verdade, a escrita é complicada para todos que escrevem, o texto nunca está concluído, sempre necessita de revisão e aperfeiçoamento.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, V. L. C. **A Escrita no Brasil Colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: UFPE, Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1994.

BERWANGER, A. R; LEAL, J. E. F. **Noções de paleografia e de diplomática**. 3.ed. ver. e ampl. Santa Maria: UFSM, 2008.

COELHO, Maria Helena as Cruz. Os tabeliães em Portugal, perfil profissional e socioeconômico. In: COELHO, Maria Helena da Cruz et. al. **Estudos de Diplomática Portuguesa**. Lisboa: Colibri, 2001.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

MENDES, Ubirajara Dolácio. **Noções de Paleografia**. São Paulo: Secretaria de Educação, 1953.